

O TÉDIO COMO POTÊNCIA EM JOÃO GILBERTO NOLL

Prof^o mestrando Leandro Torresⁱ (UFRN)
Profa. Dra. Tania Maria de Araujo Limaⁱⁱ (UFRN)

Resumo:

*No espaço contemporâneo das ficções em trânsito, instauram-se os nomadismos da escritura do artista João Gilberto Noll. O narrador errante nolliano, na constituição da obra, se destoece ao desenrolar da linguagem, numa trama que invade o corpo e a alma dos personagens repletos de tédio, quase estrangeiros de si mesmo, moventes no tempo e no espaço. Nessa perspectiva, objetiva-se estudar o aspecto do tédio no romance *Harmada* (1993) e suas implicações para a desconstrução do modelo romanesco. A pesquisa circunscreve-se com fundamentação teórico-metodológica no horizonte da crítica pós-estruturalista, no que concerne aos pensadores críticos e teóricos: Derrida (2009), Deleuze (1995), Foucault (1996;2001), Barthes(1977), Svendsen (2006) e Hutcheon (1999). Por fim, este estudo aborda a relação entre a escritura e a experiência do tédio como potência estratégica do fazer literatura.*

Palavras-chave: João Gilberto Noll, Escritura, Tédio.

Quase todos os homens vivem inconscientemente no tédio. O tédio é o fundo da vida, foi o tédio que inventou os jogos, as distrações, os romances e o amor.

Miguel de Unamuno

1 Introdução

À primeira vista quando resolvemos encarar João Gilberto Noll nas fraturas do romance *Harmada* (1993), sentimos no olho da pele o sentimento que se dilui na obra como um todo, perpassando desde o ato de escrever de Noll, enquanto estratégia de escritura na pós-modernidade, até a sensação plasmada nos elementos tradicionais da narrativa marcados pelo tédio. Este aspecto emergente do romance tem despertado na contemporaneidade uma série de reflexões tanto no âmbito do cotidiano como no espaço acadêmico, sinalizando o tédio como uma questão central da sociedade pós-moderna (HUTCHEON, 1999) e um dos fenômenos que a caracterizaria. Especificamente a respeito do tédio, leríamos Noll pelo viés sinestésico e logo nos depararíamos com as expressões sentidas e de sentido cravados no ato da leitura que transcenderia a dicotomia obra-leitor e se instauraria um terceiro espaço, uma terceira margem, que joga com as emoções do corpo e *psique*.

Uma escrita corpórea que tematiza o corpo, neste caso um corpo cheio de tédio que pulsa na sua escrita e fere o leitor enredado pela palavra, mas também pleno de tédio? Um copo de tédio o romance, quem beberá? Um encontro através da obra entre autor e leitor que promove um pacto de tensões entre tédios que (des)caminham nas linhas escritas, desencadeando reflexões críticas e colocará à prova um mundo encarcerado (*modus vivendi*) que ao mesmo tempo pungente de ser/ter sentido. Nas veredas de experiências e vivências, sem piedade, caímos em questões filosóficas por causa do tédio, este como ponto profícuo na pós-modernidade para pensar a condição mundana do homem em ser e estar frente a quê? A ausência provocada pela arte literária como efeito de presença através do tédio na existência do ser humano engendrado e promovido no espaço literário de *Harmada*.

Questões essenciais para serem discutidas, as quais neste artigo tem como ponto de partida o *corpus* do romance *Harmada* e seu escopo o de investigar o tema do tédio (categoria) na linguagem do artista Noll. Através do ângulo do tédio no âmago do ser, a língua do tédio do narrador nos permite inevitavelmente refletir e refratar uma série de discussões engendradas no espaço literário da obra romanesca. Ao mesmo tempo como ponto de fuga, arrastando e rasgando o signo do discurso e do sujeito leitor que enfrenta tortuosamente o encadeamento lingüístico arquitetado por Noll, há em toda obra uma atmosfera de palavras que sustenta no corpo da escrita a poética do tédio.

Por meio desta condição, ocorrem rompimentos da sintaxe para dizer-se de um encontro que não é mais nossa face no espelho, mas de nossas próprias máscaras transmutadas. Tópico esse tão explorado e refletido na literatura dos escritores contemporâneos, e é justamente neste horizonte de autores, considerados modernos/pós-modernos, que João Gilberto Noll aparece, está inserido, desponta. Escritor gaúcho, nascido em 1946 na cidade de Porto Alegre, lançou seu primeiro livro de contos *O Cego e a Dançarina* em 1980, recebendo vários prêmios como o *Jabutí* da câmara brasileira do livro. Além de excelente contista, expande sua escrita por romances, os quais travam diálogos com os outros seus romances, quer seja para ampliar discussões ou confrontar perspectivas.

Nesse sentido, em um contexto histórico, social, cultural, filosófico, qual a face que Noll nos revela no seu romance *Harmada*? A possível resposta perpassa o ângulo que decidimos investigar no romance, o fato de se deparar com uma situação do tédio, ora do leitor, ora da página escrita. Sendo assim, a relação entre a leitura do público e o que a obra dispõe, o lingüista francês Vicent Jouve (2002) coloca referente ao impacto da leitura na relação entre o coletivo e o individual:

Existem duas maneiras de apreender os efeitos concretos de uma obra: pode-se estudar a leitura seja em suas conseqüências globais na sociedade seja no efeito particular que produz no indivíduo. No primeiro caso, consideramo-la em relação a um público; no segundo, em relação a um sujeito.

Nessa compreensão, a interface público (social), o leitor (sujeito) e a obra estabelecem conexões e inventam máscaras no espaço da literatura como ponto de interconexões. Como sinaliza Noll no seu site¹, acerca da literatura:

Vejo a literatura como acontecimento, não apenas como espelho das questões sociais mais imediatas. Mas que ela traga o leitor para um horizonte ritualístico, um horizonte litúrgico. É como se ele sentasse, que fosse lá no palco e participasse junto com o ator, (...)

Essa participação do leitor, via leitura performática, nesse caso como *horizonte litúrgico*, desenha em palavras o tédio da escrita de Noll, na qual põe o leitor em risco de eminentemente se encontrar consigo mesmo. Perder ou de repente encontrar identidades? Aqui, ocorre uma analogia ao mesmo tempo em que sugerem contradições entre o rio de Caronte e o rio de Heráclito; o espelho de Narciso e de Cecília; o labirinto do Minotauro e de Borges; o fio de Ariadne e o de Penélope; o tonel das Danaides e Santa Bárbara; a pedra de Sísifo e a de Drummond; o espanto de Quintana e dos filósofos gregos; os vermes de Augusto dos Anjos e de Machado de Assis, os pés do Barroco e da Bíblia, que desembocam numa ausência estética.

Ou melhor, uma estética que pensa o vazio, o infinito, a solidão, o amor, a amizade e o caos lançados para uma condição que nesta escrita pulsa na constatação da poética do tédio no espaço narrativo de *Harmada*. Trazendo imagens que se remetem insistentemente para os rizomas de Deleuze e Guattari (1997), compreendendo, assim, um sistema aberto em diálogo. De modo que temos uma multiplicidade (CALVINO, 1990) que se expande em uma estética do tédio fazendo girar universos de saberes suscitados pela escritura de João Gilberto Noll, que diz: *Me levantei, fui até a janela, olhei a paisagem de Harmada, e simplesmente acreditei que chegara a minha vez de acertar. O problema seria o de preservar essa situação.* (HARMADA, 1993, p. 64) E segue:

O cego afirmava: Se não enxergo, melhor para mim que me poupo de ver o que se convencionou chamar de formas, esta exibição que não passa do excremento das coisas. Os verdadeiros seres são aqueles limpos de figuras, aqueles seres que ficam em refúgio, longe das linhas, curvas ou retas, dos volumes, das cores. Os verdadeiros seres se frutificam na ausência, pois tornam-se sumarentos, apetitosos e nutritivos por estarem apartados da cerrada selva do instinto visual. Não quero dizer que sim nem não, mas desconfio que os cegos foram feitos para servirem de mão-de-obra pioneira no campo desta outra visão, a que se liberta enfim das formas. (p. 65)

¹ Disponível em: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/>. Acesso em 01 jan. 2011.

A leitura crítico-literária, que se pretende com este trabalho, possui seu embasamento teórico nas teorias pós-estruturalistas (Deleuze, 1997; Derrida, 2006; Blanchot, 1987) no campo da literatura, com ênfase no pêndulo da arte literária e filosófica. Além disso, a nossa discussão acerca da temática do tédio se ancora no que segue as considerações ensaísticas do filósofo norueguês Lars Svendsen, realizadas na sua obra *Filosofia do tédio* (2003), a qual dividida em quatro partes tratará: na primeira, ter o tédio como problema filosófico; na segunda, histórias sobre o tédio; a terceira, na relação fenomenologia e tédio e a quarta, tédio e ética. Como podemos perceber o livro aborda uma questão central, ainda que pouco estudada na sociedade contemporânea. Para tanto, o professor Svendsen, através de raízes históricas e de uma abordagem interdisciplinar (filosofia, psicologia e literatura), propõe embasamento para compreender o fenômeno do tédio como um dos elementos que caracteriza, como já dissemos, a pós-modernidade delineada por vários teóricos e estudiosos da atualidade a exemplo de: Homi Bhabha, Canclini, Stuart Hall, E. Saíd, Paul Gilroy, A. Giddens.

Desse modo, a leitura proposta, aqui, pensa em uma Estética do tédio na obra *Harmada*, na qual cria uma contigüidade de sentidos. Sabemos que pela estranheza, nasce a obra de arte que neste caso propicia um entendimento mais profícuo. Ressalta-se, ainda, que a nossa leitura se dá nos pressupostos da complexa temática da leitura do texto literário e discussões avançadas a respeito do fenômeno do ato de ler presentes no livro *A leitura*, do lingüista francês Vincent Jouve (2002). Com o intuito de problematizar a obra de Noll, em diálogo com as visões pós-estruturalistas e no entendimento de que temos níveis de leitura, de acordo com Jouve (2002, p.98), optamos por compreender o ato de ler pela estratégia de *leitura centrífuga* que diz:

Em vez de procurar uma coerência, a leitura, ao contrário, pode se preocupar em jogar com as oposições e contradições de um texto. De qualquer modo, é a prática do “desconstrucionismo”: não se trata mais de procurar unificar o texto relacionando-o com uma intenção, mas sim de fazê-lo explodir desconstruindo-o.

Perspectiva de leitura que se encaixa no modo como Noll pensa a linguagem, seu ofício e inventa sua escritura²:

Sou um escritor de linguagem, pelo método com o qual escrevo fica claro isso. Tento captar a realidade através do que a linguagem me indica. Nesse sentido, sou o oposto de Berkeley. Realmente, o que vai puxar-me arrastar-me movimentar em direção à ação do livro não é uma idéia de conteúdo prévio, mas é aquilo que a linguagem vai abrindo para mim. Como se realmente a linguagem fosse um exercício desejante de ação. Ação não no sentido norte-americano, evidentemente, de cinemão, mas no sentido de que o personagem começa de um jeito e vai terminar de outro. Acredito nisso, acredito na possibilidade de um argumento, sim, na história humana. Isso não quer dizer que tenha uma linha progressiva, uma finalidade angelical, nada disso, mas existe a possibilidade de você conhecer profundamente o seu próprio movimento. O homem não é um bicho estagnado. E só existe ficção por isso e não para usar a ação como uma peripécia atordoante que valha por si mesma. Mas o que vai me levar a essa ação, a essa verdade humana que é o momento, é a linguagem. Ela é o abre-te sésamo deste novo mundo.

2 A estratégia de escritura na contemporaneidade: o tédio potência em Noll

Sendo assim, adentrando a obra, *Abre-te sésamo deste novo mundo*, temos que o tédio urgente e emergente surge como erupção vulcânica assim: *Aqui ninguém me vê. E eu posso enfim deitar na terra. Aproveitar a terra que virou lama depois do temporal* (NOLL, 1993). “Aqui” seria o lugar de descanso, lugar metafórico do tédio, da personagem. O tédio como desejo de retorno ao barro. Uma relação implícita com o versículo bíblico “Do pó viestes ao pó retornarás” (Gen. 3:19), pura condição tediosa, nessa cena mundana, e devaneio do humano. Como escreve o filósofo Svendsen (2006, p.31), “O tédio

² Disponível em: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/>. Acesso em 01 jan. 2011.

só é possível porque cada coisa, por assim dizer, tem seu tempo. Se cada coisa não tivesse seu tempo, não haveria tédio. Portanto, o tédio surge quando há uma discrepância entre o tempo da própria coisa e o tempo em que ela ocorre”. Nesta cena que inicia o livro, lemos também que por um viés profano como um insano se banha semelhante a um animal, um porco, denotando uma forma de liberdade, a qual não entra na lógica vigente, da ordem, da beleza e da limpeza, questões discutidas por Bauman, no seu livro *O mal-estar da pós-modernidade* (1998).

Diante disso, vale destacar que a análise crítico-literária exposta no âmbito da Teoria Literária, como no das concepções das Ciências Humanas acerca do tédio, principalmente, as discussões no campo da filosofia, pois é neste que reside o embasamento reflexivo sobre a nossa categoria temática observada e analisada no corpus do romance *Harmada*. Sendo assim, ressaltamos que o próprio aporte teórico nos conduzirá à metodologia. Cientes de que a leitura, análise e reflexão da obra em pauta dar-se-á a partir desse embasamento, tendo o propósito de que nossa abordagem se dê na coerência entre estas e os textos teóricos, procurando compreendê-las no horizonte da heterogeneidade discursiva e sobretudo de uma visão crítica fundamentas nos pós-estruturalistas franceses.

E o fato de elegermos como horizonte de leitura a vertente do desconstrucionismo que nos permite instaurar um espaço literário de discussões que fazem ponte com outros saberes, colocamos, assim, o tédio como fenômeno da pós-modernidade que se entrelaça sob vários aspectos em uma reflexão mais próxima das questões humanas existenciais. Quando mencionamos nesta discussão “A poética do tédio ...”, poética se refere neste trabalho a um diálogo da estilística da escrita nolliana com as configurações do romance (seus elementos estruturais) e as expressões do tédio na contemporaneidade, assim como os efeitos para o ato de escrever do autor, o exposto na boca do narrador entranhado na vida dos personagens. De modo que, o olhar do tédio presente na obra pode iluminar dimensões desconhecidas da vida real. Pode mostrar a nós, âmbitos palpáveis de algo que apenas pressentíamos, para tanto escutemos Noll:

Antes de sair me olhei pela última vez no espelho do banheiro. Eu suava muito no pescoço e no peito. Uma gota de suor pendurada no lóbulo da orelha, como se um brinco. Eu era um homem por assim dizer sem nada que pudesse ofuscar: nem os resíduos de clareza de ânimo dos velhos tempos com Jane, nem uma tristeza supostamente natural para aquele momento. Eu vi a mim naquela hora um homem sóbrio, tentando soprar para fora do meu ombro a poeira das intempéries que eu conhecera até ali. Eu era aquele homem no espelho, eu era quase um outro, alguém que eu não tivera nada ainda a chance de conhecer.

A voz do narrador é uma desolação, que, diante do espelho, reconhece as minúcias do *cotidiano* que reflete a expressão do encontro com o tédio, que subjaz a existência dos seres humanos. Se continuássemos lendo a obra, nos depararíamos com vários eventos reveladores do tédio. O *persona* narrador, mesmo em busca de não sabe o quê, vai vivendo suas aventuras com a significativa presença do tédio; numa confissão? Narrar na pós-modernidade para vencer o tédio? O movimento do texto é ações pitorescas do personagem principal e uma reflexão diante do muro do tédio. “O tédio está associado à reflexão, e, em toda reflexão, há a tendência a uma perda do mundo.” (SVENDSEN, p. 35). Para em seguida voltar a fazer coisas e voltar a se esbarrar no tédio.

Pela vida usa a vida, a estilística de Noll põe sempre em tensão uma particularidade, muitas vezes, subjetiva, com uma questão existencial e universal. Até que ponto a narração é fuga do tédio e amparo? Não sabemos se a escrita do narrador é conotação de fatos vividos ou inventados, uma mescla de realidade e sonhos? Teríamos assim fragmentos de um discurso tedioso que promove reflexões consubstanciadas em uma atmosfera onírica. Delineação de subjetividades selvagens, pequenos clímax se envolvem com pensamentos, *psique* e realidade se confundem com *Eros*, náusea, cidadania, velhice, mudança, encontro com o desatino. Uma substância do livro que é mais ou menos em palavras um sentimento de não sei o quê com gosto de logo esquecerás tudo, logo todos te esquecerão.

Como podemos bem perceber somente com a passagem destacada acima da obra em foco, o tédio está entranhado na própria vida, por isso, se relaciona com todos os outros aspectos da existência mesmo

quando parece não ter ligação nenhuma. A relação entre o tédio e o ócio criativo como conceito trabalhado por Domenico De masi (2000), mostra-nos a relação da necessidade do ócio criativo para o escritor produzir suas obras. “Estamos habituados a desempenhar funções repetitivas como se fôssemos máquinas e é necessário um grande esforço para aprender uma atividade criativa, digna de um ser humano.” (DE MASI, 2000, p.21)

Nesse sentido, o tédio é essencial para fazer eclodir uma estratégia de escrita que explode em/as redes lingüísticas. Sendo assim, o autor, dentro do ócio existente no tédio, poderia dizer, bebe o tédio do cotidiano na pós-modernidade para agir criativamente, estrategicamente pela *via crucis* da escritura. Por essa perspectiva, há um redimensionamento da visão pejorativa que temos do sentimento tédio. Este com diversas expressões é ambivalente. O tédio como uma pulsação para morte e vida. Força enérgica aplicada em um desses vetores: destruição ou criação. O tédio mistura os princípios nietzschenianos *Apolíneos* e *Dionisíacos*. Essas forças regem o ato da escrita que nos levariam a sérios questionamentos da ordem filosófica, existencial e do ato de escritura. “O tédio sempre contém um elemento crítico, por que expressa a idéia de que dada situação ou a existência como um todo são profundamente insatisfatórios.” (SVENDSEN, p. 23).

Pensando pelas palavras de Ítalo Calvino no livro *Por que ler os clássicos* (1990, p. 14): “o dia de hoje pode ser banal e mortificante mas sempre é um ponto no qual podemos olhar para frente ou para trás”. Esse movimento, de letargia e potência ruptora, na obra de Noll mostra corpos eróticos de *assédio do tédio* misturados a idéias engenhosas num cenário de permanentes mudanças, nomadismo no trajeto *ziquezaqueante* das personagens. Ao passar pela leitura e se defrontar com vários eventos ocorridos na obra, o tédio é mostrado como a pele que se escama, nos dando um ângulo privilegiado para ver a condição humana nas relações de poder existente na vida real da ficção proposta por Noll.

Com fluência e mentalidade ágil, a escrita nolliana nos revela um tédio que nos permite a percebê-lo como uma cartografia para ler, para decifrar um sentimento na escrita e no corpo das personagens, no corpo da palavra, no osso da escritura. O lugar do tédio como espaço de desterritorialização da obviedade humana. O tédio nos coloca numa situação fronteiriça, tênue da condição *sine qua non* do humano. Nas dobras do abismo existencial promovidas em *Harmada*, o tédio seria utopia de quê? Combustível para arquitetura de linguagens inimaginadas. No caso de Noll, uma língua endoidecida, esquizofrênica, que funda outras realidades no precipício da alma humana. Como bem expôs Deleuze na relação entre capitalismo e esquizofrenia, e concepção de escrita engendrada pelo artista gaúcho na entrevista concedida ao jornal Estadão em 2010³:

Quando pousamos os olhos num relato ficcional de respiração poética sentimos a força do estranhamento. Nesse tom não é a vida bruta que captamos, mas uma linguagem transfigurada, a insinuar que o que perdemos da transparência do mundo se trata justamente do ganho maior da leitura. Por quê? Porque nessa linha de leitura aderimos aos pontos que costumamos evitar na vida regadamente social, unívoca - um espaço alheio à linguagem extraída das lacunas do inconsciente, esse território geralmente inútil aos ouvidos do cotidiano.

De acordo com esta e as outras citações apresentadas como ao espremer a narrativa, temos uma linguagem encharcada de tédio. Para isso, basta percebemos que *Harmada* apresenta uma visão que circunscreve: A escrita de fúria animal movente do inconsciente do escritor; o tédio como um canto liturgicamente terminal, uma música que leva a linguagem a povoar e dançar no vazio; O tédio, então, acoplado ao vazio seria ou é, pode ser a força motriz da escrita de *Harmada*. Portanto, é dessa propulsão que deflagra a instauração do tema constantemente desnudado, na ponte belamente trágica e terrificante entre o vazio e o tédio na forma poética do romance, que arma os dramas humanos.

Como já dissemos, levantamos o escopo deste trabalho que é discutir a presença do tédio dentro do romance, mas também, sobretudo, o tédio como estratégia de escritura no fazer artístico literário de Noll. Cabe, agora, algumas perguntas: será que a modernidade é o espetáculo do tédio? O tédio intensifica a potência do falso? Na ponte entre perguntas amplas e precisas, entramos nas fendas humanas, onde se

instala o tédio no vazio das carências do ser, zonas profundas de tensão (in)consciente do escritor plasmadas na sintaxe “impressa no vazio do branco”, conforme as palavras de Noll³. Por essa colocação, penso, assim, o tédio preenchendo as lacunas da vida? Segundo Svendesen coloca, “o tédio envolve uma perda de significado” (p. 18) que permite o vazio. Logo, denuncia uma ausência jamais preenchida. Esta como profusão e pulsação lenta e acelerada para o caos infinito e de eterno retorno engendrado no ato de criar, especificamente, ato de escrever para Noll. Criador de imagens que personifica o tédio. Quer pela angulação de pensar na vida e rever sonhos? Com uma visão penetrante de quem narra pontas agudas e ângulos ásperos que testam nossa capacidade de estar na tensão criativa entre o dever e o querer; captar o sensível grosso do entediante; expor personagens em cenário de chatices burocráticas, na roda das vibrações dos dias.

Desse modo perguntamos, *Onde está a revelação da obra de Noll? Não tem!* Mas, o não ter, é um possuir, o não ter dito e escrito tem suas revelações, de um mundo não escrito paralelo ao escrito. Até mesmo *entrecruzantes*. Tendo como denotação o tédio pondo a nu a escrita. Desnudando a linguagem que semelhante aos seus personagens são nômades. Linguagem, escrita e tédio em puro êxtase de metamorfoses. Tédio como potência de vida e morte que pulsa nas veias e vias da escrita Nolliana. Seja pelos nadas, pobreza e miséria, vias e desvios, vida e contravida que diz isto é a Vida em susto, a existência é assim, apesar de. Continuamos. Para onde? Para quê? O tédio na escrita se encarrega de mastigar. Ato banal realizado pelo personagem-protagonista várias vezes. Mostrando o que nos resta. Numa constatação de que o projeto humano é falido.

Contudo, não significa que toda essa face cruel não tenha sua beleza inominável. A tal da arte. A mesma que parece amparar o perdido personagem kafkaniano sem nome: “O artista da fome” (2000) sem rumo. Com Tudo e Nada. Muitas vezes somente e só, o tédio. A travessia das palavras transfigura a estilística e metamorfoseia a sintaxe para transcender o imediatamente óbvio. O tédio encontrado no romance nos permite o devaneio e o delírio em debate na situação de se debater o humano. Em sua *Solidão Continental* (2012), Noll epigrafa por Drummond: O inseto petrificado/ na concha ardente do dia/ une o tédio do passado/a uma futura energia.

A perenidade da memória perdida guarda a pulsão libertária do tédio e pelo atrito das palavras são empurradas na estrutura sintática para tentar dizer o não dito e reinventar o âmago das coisas. Delineia o dito desdizendo. Pensemos numa tessitura às avessas para conhecer as situações episódicas dos eventos da aventura humana vivida pelo protagonista em *Harmada*.

Em conformidade com o crítico Roland Barthes, no seu livro, *O prazer do texto* (1977), faz uma distinção entre o texto de *prazer* e texto de *fruição*. Aquele, contenta, enche, dá euforia; vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Este, põe em estado de perda, desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, fazem entrar em crise sua relação com a linguagem. Claramente, Noll é texto de fruição, pois encrava uma poética crua e nua na carne da página que o leitor se encontra.

Assim, se estabelece um pacto *faústico* entre autor-obra-leitor, no qual a obra quando mais mefistotélica, diabólica, atenua-se o simbólico que sofre re-presentações e uma intervenção no universo das figuras, signos, símbolos que regem o mundo humano e suas teias lingüísticas, ora enredados pelo ficção romanesca, ora pelo próprio destino tragicômico da pós-modernidade, conforme escreve Bauman no livro *O mal-estar na pós-modernidade* (1998):

³ Para conferir na íntegra visitar o endereço eletrônico: Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteeazer.joao-gilberto-noll-detalha-sua-forma-de-criacao,618438,0.htm>. Acesso em 20/ 10/ 2011.

Esse mundo cada vez mais exterior lembra de um outro participante do jogo, mais do que o indomável fixador de normas, e o de um árbitro que não admite apelação; e como que um participante de um jogo cujas regras são feitas e refeitas no curso da disputa. A experiência de viver em tal mundo é a experiência de um jogador, e na experiência de jogador não há meio de se falar da necessidade de acidente, determinação de contingência: não há senão os movimentos dos jogadores, a arte de jogar bem com as cartas que se tem habilidade e de fazer o máximo com elas. A ação humana se torna menos frágil e errática: é o mundo em que ela tenta inscrever-se e pelo qual procura orientar-se que parece ter se tornado mais assim. (...) Como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se os valores hoje são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, a se dilatar? Como pode alguém se preparar para uma vocação da vida, se habilidades laboriosamente adquiridas se tornam dívidas um dia depois de se tornarem bens?

Dessa maneira, a Literatura não longe, mas de perto marca e acompanha o homem, no instante *passado*, na fugacidade do presente e no futuro que não existe, para relembrar a reflexão de Santo Agostinho sobre o “tempo” na sua obra *A cidade de Deus* (2002).

Por vias como o fio que nos trouxe aqui, a Literatura de Noll nos põe em estado de perda e desamparo, pensando na mão do homem e na mão de Deus do quadro de Michelângelo (1475-1564), “A criação de Adão”. A obra de Noll faz desaparecer a mão divina e a intensificar a outra do artista criador humano, pesadamente humana, aparece escrevendo sua obra em um caos espiralado com diversificados modos de entrada nessa *Caosmose* (GUATARRI, 1992), surtindo efeito de presença, igualmente apresentado em *Harmada*. A literatura como a arte de ressuscitar os mortos e ressuscitar os vivos para compor o desordenado mosaico de citações dos quais somos inventados. Feitos de palavras e coisas. Quem imita quem, vida e arte? As duas se devoram!

A partir desse entendimento, João Gilberto Noll no seu romance constrói um discurso periférico, à margem de certas hegemonias de idéias, pensamentos, ideologias, concepções de ser e estar no mundo, de cosmo visão e desconstruindo estas quando traz à tona um olhar escrito sobre a condição humana frente ao tédio. Tal perspectiva nos permite ver o tédio como um elemento constituinte do/no romance e constituidor, enquanto ócio criativo que permite abrir cartografias e espaços de desterritorializações pelo ato da escritura (DELEUZE, 1997). E no reverso, se considerarmos a poética do tédio como estratégia de escrita, configurando-se como elemento constitutivo que apresenta em *Harmada* o ser multifacetado.

Destacamos que o discurso nolliano em *Harmada* constrói novas realidades contemporâneas, entre a movência da resistência e da transgressão, no trânsito do arquivo e a constituição de novos repertórios, permitindo a emergência de subjetividades não domesticadas e desconstrutoras dos paradigmas vigentes e impostos como blocos de chumbo a fim de manter fixo os presos.

Por meio da atuação de uma escrita performática de tédio, traz as tessituras do desejo, deflagradas em diversas perspectivas, no qual destacamos por acreditar na importância da reflexão de *Harmada*, o sentimento profundo da condição humana e por entender que este fenômeno caracteriza a pós-modernidade e nos permite uma série de diálogos com outras temáticas como *significado*, trabalho, lazer, morte, novidade, humor, corpo, tecnologia, transgressão, memória, maturidade.

Além de dialogar com outros campos do saber, no qual o tédio se situa no horizonte da discussão do entrecruzamento das áreas de filosofia, psicologia e literatura. Eis aqui nosso cerne de pesquisa e reflexão, como já dissemos, se centra no romance *Harmada* e as expressões do tédio como uma poética que transpassa o corpo da obra, transitando do narrador e sua estratégia de escrever, cravejando o texto pelos furos do vazio, no fluxo da consciência escrita como modo de domar a selva lingüística para nomear a confluência do ser em estar no mundo pós-moderno. Tendo como cenário a pós-modernidade, delineada pelos teóricos Bauman (1998) e Lipovsky (2004).

As expressões do tédio marcam a escrita, as personagens em suas ações, pela boca do narrador escrito, no qual o tédio se inscreve e atinge em torrência o leitor. Formando um espaço de afetar em atividade de escritura, ou melhor, afetividades que se pensa e, sobretudo, se sente o tédio. Um espaço de

leitura que não só representa, mas está instaurado num lugar de disrupção, pendular entre o tédio e o vazio como um tabuleiro do jogo de xadrez, onde a vida acontece e as pontas da existência parecem se tocar, no enredo de *Harmada* o tédio e o vazio se beijam, morte e vida se encontram, o olho de ambos narrador e leitor se esbugalham, desdobrando mal-estar da escrita de Noll.

A literatura de Noll nos permite não somente pensar o tédio e suas questões/ sensações, mas pensar o pensamento sobre o tédio que oportuniza diálogos oblíquos no espaço da configuração literária (BLANCHOT, 1987) e da vida considerada real. O tédio, pela arte literária, de Maurice Blanchot, leva-nos a compreensão de algo absurdo.

Na corda do limbo, a onipresença do tédio na condição humana e o seu sentimento fugidio armado no palco de *Harmada* promovem o enfrentamento dos hábitos costumeiros pela imprevisibilidade da linguagem artístico-literária. A poética de uma crise instaurada pelas dúvidas que acompanham o tédio.

Na compreensão deste contexto, podemos afirmar: O homem é ele mesmo e a sua condição de tédio. A epifania pelo tédio, pela relação com a dúvida ficcionalizada na obra de Noll nos permite uma série de reflexões em três aspectos os quais já mencionamos: estratégia de escrita, na obra e do leitor.

Conforme essas colocações, associamos às palavras do escritor José Castello⁴ com a condição emergente do romance aqui discutido sob o aspecto do tédio:

A literatura é só um furo rasgado nesse grande malha (*os meios de comunicação*). Está conectada com o vazio. Não remete a fatos, ou a discursos, ou a comunicados, remete a algo que os ultrapassa e que, a rigor, nela não está, não pode estar. Ou experimentamos (lemos), ou não chegamos. E só. (*grifo nosso*)

As discussões promovidas até aqui dialogam com movimento filosófico do século XX, o “Existencialismo”. Se não podemos pensar uma Era do tédio como momento histórico de sua forte presença, o tédio se torna eterno pelo seu sentimento de ausência presentificada nas coisas dos humanos.

Na parte final do livro *Harmada* temos: “ Da boca não me saía palavra. Eu parecia ter contaminado pelo silêncio do garoto” (NOLL, 1992, p. 101). E de fato se contaminou. Logo em seguida suspende a narrativa. E segue silêncio, vazio, nada e tédio? “A consciência do tédio, que por vezes nos ocorre *a posteriori*, deveria ser compreendida como a consciência de um vazio” (SVENDSEN, p. 132).

De modo que a ambigüidade dos personagens sem a necessidade que as coisas (não) façam *sentido*, promove o fator de subjetivação que incide sobre o ponto de vista de reflexão acerca do mundo, numa escrita que cava e o que resta é tédio? Incitando o pêndulo do(s) mundo(s) escrito e não-escrito. Na mão do escritor, na boca do narrador em confronto com o leitor. Mostrando uma existência irrequieta com a consciência de transitoriedade destinada a apagar-se em dúvida.

A obra de Noll, especificamente *Harmada*, não tão diferente das ocasiões propostas nas narrativas de Machado de Assis. Temos na verve irônica machadiana o espetáculo do tédio ou a baba de Caim! Em uma de suas contações Machado diz “Há uma gota da baba de Caim em toda essa felicidade humana”. Assim, como vive a inércia tediosa do personagem Gregor Samsa, de Kafka (2000). Nas palavras de Noll teríamos que

A ficção dessa maneira seria um empreendimento no escuro? Como se aferir uma iniciativa que parte de uma nebulosa ainda sem léxico ou sem ao menos uma lúcida pré- tessitura dramática? De onde vem esse material com o qual, supõe-se, o leitor se envolverá? Por que, ao fim e ao cabo, seu

⁴ Texto publicado no site do jornal O Globo, na coluna chamada “A literatura na poltrona”. Disponível no seguinte endereço eletrônico: <<http://oglobo.globo.com/blogs/literatura/>>.

sumo dirá respeito também ao outro? Talvez porque o âmago de toda a experiência humana venha da mesma fonte. Talvez a qualidade mais peregrina seja enfim o canal por onde todos passam para adquirir bem ou mal a consciência de si. É sobre essa travessia que a palavra pode incidir para reinventá-la, dando conta de um excedente superior que, nas teias sociais, costumamos calar. E reprimir. Nesse caso, o livro que temos nas mãos pode conter a pulsão libertária que só a memória perdida soube tecer.

Então, por que ir ou não ao texto de Noll, ou melhor, por que não? O embate entre vida e a ficção romanesca, acerta como flecha no alvo humano. Novamente citando Jouve (2000, p.131), a respeito da leitura no “eu”, ou “a redescoberta de si”:

Mesmo que não sejam os mais lidos, pode-se considerar que os textos mais interessantes são aqueles que vão ao encontro das supostas disposições do leitor. Quando é confrontado com a diferença, e não com a semelhança, o sujeito tem a possibilidade, graças à leitura, de se redescobrir. O interesse do texto lido não vem mais então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele.

Conclusão

Em uma exposição analítico-literária do romance, neste trabalho, podemos notar que se o tédio é um dos fenômenos caracterizadores da pós-modernidade e *Harmada* se configura, se estabelece neste horizonte, temos uma convergência que nos aponta para a contaminação da narrativa pelo sentimento do tédio, que inevitavelmente pelos viés e desvio da *psique* no fluxo de consciência marcado na obra pelas reticências, repetições de vocábulos, termos, frases e inversões bruscas do pensamento, refletem uma construção que se faz no instante que é dito as coisas pelo narrador, o qual narra diversas dores vivenciadas.

Como também, nos conduz a uma série de reflexões que se plasma na estilística nolliana. Esta marcada por vazios de dimensões diferenciadas é fragmentada, de corpo exposto, de complexidade no modo, postura e situação mundana, questões da *psique* (zonas do inconsciente), estados mentais como da esquizofrenia, e um voltar para pensar o “lugar” da arte e da literatura para si e do humano, tematizando uma série de questões da atualidade. Exemplo, o vazio, o nada, o excesso, exacerbada informação, velocidade, experiência do corpo-mente, o narcisismo, o individualismo, a corpolatria, a arqueologia da futilidade, o ter em substituição do ser, aparência versus essencial, verdades e mentiras misturadas, o sagrado no profano, a humanidade e seus abismos em relação sintomática com o tédio e sintonia com os paradoxos da pós-modernidade .

Na confluência do pensamento de Compagnon (1996), percebemos que devido o interesse de Noll pelos mistérios da alma humana, o torna atemporal, revoltoso e turbulento, comungando com a tensão entre a ruptura e a tradição, a qual seria a negação dos modelos estabelecidos, fazendo com que a blasfêmia, a sátira, a paródia, saiam de dentro dos armários.

Portanto, temos como ponto de vista de trabalho que o aspecto do tédio em Noll é realizado e nasce no romance, pois este aspecto da narrativa instaura uma via fértil para o ato de pensar filosófico e o ato estratégico de escritura entremeada do mortificante e vivaz banal poético. Poética que se suspende na narrativa ao som de um mundo volátil com cheiro de tédio. Fazendo com que a narrativa ferve na cabeça do leitor, deixando nosso imaginário acesso, entregue a uma obra que se debruça sobre os abismos do ser que no tédio destrava o inconsciente contaminado pelo recalque plasmando frases que Noll ler aviadamente nas portas e paredes dos banheiros. Assim, adentremos na suposta capital Harmada e nas peripécias do *persona* vagabundo sem nome.

Referências Bibliográficas

- 1] AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. Parte I.
- 2] CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1967.
- 3] BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- 4] BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama,; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- 5] BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. Trad. de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- 6] BLANCHOT, Maurice. **Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- 7] CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- 8] _____. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**: Lições Americanas. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- 9] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- 10] COMPAGNON, Antonie. **Os cinco paradoxos da Modernidade**. Tradução de Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- 11] COLETTE, Jacques. **Existencialismo**. Trad. de Paulo Neves. Porto de Alegre, RS: L&PM, 2011.
- 12] DE MASI, Domenico. **Ócio criativo**. tradução Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- 13] DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.
- 14] DELEUZE, Gilles & Guattari, Félix. **O quê é a filosofia?**. São Paulo. Editora 34, 1997.
- 15] DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: perspectiva, 2006.
- 16] ECO, Umberto. A força do falso. In.: **Sobre a literatura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- 17] FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.
- 18] FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- 19] GIDDENS, Antony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- 20] GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS)
- 21] HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo** - história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- 22] JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação e trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- 23] JOUVE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- 24] KAFKA, Franz. **A metamorfose; Um artista da fome; Carta a meu pai**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- 25] MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- 26] MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- 27] NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 315 p.
- 28] NOLL, João Gilberto. **Harmada**. São Paulo: Francis, 1993.
- 29] NOLL, João Gilberto. **Solidão continental**. RJ: Record, 2012.
- 30] SVENDSEN, Lars. **Filosofia do tédio**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- 31] RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. de Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org; Ed. 34, 2005.
- 32] SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura dos Trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- 33] SEIDEL, Roberto H. **Do futuro do presente ao presente contínuo: modernismo vs. pós-modernismo**. São Paulo: Annablume, 2001.
- 34] STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- 35] TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e Poética**. São Paulo: Cutrix, 1976, 4ª ed.

i **Mestrando** paz_verde7@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

ii **Profa. Dra.** tanialimapoesia@yahoo.com.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Letras.